



**OLIVIERI-GODET, Rita.** A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 180p.

*Lucas Graeff*

*Submetido em 30 de junho e aprovado em 21 de julho de 2013.*

Quais são as linhas de força temáticas e formais que autores de ficção do Brasil, da Argentina e do Quebec constituem, conformam e transformam, ao produzir textos que versam sobre a alteridade

ameríndia? Como eles colocam em cena os encontros e desencontros de sistemas culturais e visões de mundo distintas, que construíram e constituem o imaginário literário que circula sobre os ameríndios na contemporaneidade? Eis duas questões fundamentais que motivam e atravessam o mais recente livro de Rita Olivieri-Godet, *A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas*, publicado pela Editora Fino Traço, de Belo Horizonte.

Pesquisadora e professora nas áreas de letras, literatura comparada e teoria literária, Rita Olivieri-Godet é autora de diversos livros e artigos em língua portuguesa e inglesa. Dentre eles, destacam-se *La littérature brésilienne contemporaine (de 1970 à nos jours)*, livro escrito em parceria com Andrea Hossne, e *Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro*, também publicado em francês. Organizou recentemente uma coleção de ensaios relativos à escrita e à identidade na literatura romanesca, intitulado *Écriture et identité dan*

*sla nouvelle fiction romanesque*. Nessa obra, o texto *La poétique de l'altérité et la représentation de l'Amérindien dans la fiction des Amériques*, de sua autoria, antecipa a temática da poética e das representações da alteridade ameríndia em romances contemporâneos. Essa mesma temática é desdobrada e aprofundada por Rita Olivier-Godet, em *A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas*, a partir da análise literária de autores brasileiros, argentinos e quebequenses.

Na introdução do livro, Rita Olivier-Godet subscreve a temática em questão, limitando-a a um *corpus* de autores cujas obras vieram a público entre 1980 e 2009, à exceção do livro *Maira*, de Darcy Ribeiro, publicado em 1976. A introdução aborda, sobretudo, as convicções e dúvidas da autora a respeito de uma eventual “identidade ameríndia”. Como a própria autora indica, a partir de Márcio Santilli, essa “identidade” se afirma invariavelmente, referenciando-se a dos brancos europeus que colo-

nizaram o continente. O termo genérico “ameríndios”, utilizado no plural, se impõe consensualmente e procura resgatar a diversidade dos grupos e populações que habitavam ou ainda habitam o que se conhece hoje por continente americano. E a palavra “alteridade” termina por resguardar tal resgate.

Essa consciência do peso político da nomeação se reflete no *corpus* dos romances que servem de base para a análise de representações e figurações da alteridade ameríndia nas Américas. O recorte ou *parti pris* inicial de Rita Olivieri-Godet envolve autores que “elegem o índio como instância de alteridade” (p. 10). Através dele, a escritora se inscreve em vertentes de produção e análise literárias que exploram as relações entre identidade e alteridade, entre a projeção de Si e do Outro e, sobretudo, entre os densos espaços identitários ou nacionais e as fluidas mobilidades culturais.

Nove capítulos compõem a obra. Eles reúnem temáticas co-

muns ou contrastantes entre os livros que compõem o *corpus* de análise. No primeiro, intitulado “O ameríndio como instância de alteridade”, Rita Olivieri-Godet apresenta um panorama das produções literárias por país: a respeito do Brasil, a autora evoca o esquecimento do extermínio de grupos indígenas e o mito da mestiçagem como fundamentos do “imaginário conciliador do processo de fundação da nação” (p. 15); em relação à Argentina, o extermínio se apresenta explicitamente nas ficções e nos discursos oficiais, quer seja como algo necessário e justificável ou, a partir da nova história e de seu interesse pela voz dos oprimidos, como um dever de memória resgatado e tematizado pelos romancistas argentinos estudados; no que se refere ao Quebec, por fim, a questão indígena se confunde com as políticas multiculturalistas e o processo de integração étnica que, conforme indicam a autora e as obras por ela analisadas, ocasionam tensões e derivas essencialistas.

O segundo capítulo de *A al-*

*teridade ameríndia* convida o leitor a imergir ainda mais na poética e nas representações do ameríndio na produção literária das Américas, ressaltando os deslocamentos espaciais e temporais implicados nas tentativas de representar o Outro – e, por que não dizer, de se imaginar Outro. No romance *El entenado*, de Jorge Saer, quem se desloca é um marinheiro que narra suas memórias sessenta anos após ter sido acolhido pela tribo dos Colastiné. Em *Nove Noites*, Bernardo Carvalho constrói uma trama na qual o protagonista deixa seu país de origem, os Estados Unidos, para seguir as pistas de um antropólogo norte-americano que se suicidou no Xingu cerca de sessenta anos antes. Em *Mistouk*, terceira obra analisada no capítulo, o personagem principal de Gérard Bouchard percorre uma aventura iniciática sob orientação de Moïse (Moisés, em francês), que lhe faz conhecer e reconhecer a longa historicidade dos povos do Grande Norte canadense.

O Capítulo III do livro de Rita Olivieri-Godet apresenta o

olhar de dois “romancistas-antropólogos”: Darcy Ribeiro e Bernard Assiniwi. O romance de Darcy Ribeiro, *Maira*, tece sua trama em torno de uma tribo imaginária que mistura mitos e lendas outrora tratados em textos científicos pelo autor. O que está em jogo, nesse caso, é um choque entre as civilizações ocidental e ameríndia que interroga o futuro da nação brasileira e cujo resultado é uma “negatividade desestabilizante” que obriga os índios “a se metamorfosear para sobreviver” (p. 69). Em *La saga des Béothuks*, de Bernard Assiniwi, o questionamento da identidade ameríndia se estende no tempo. O autor percorre cerca de mil anos de história, partindo de mitos de fundação e lendas dos povos originários da América do Norte. O romance oscila entre a lenda, a arqueologia, a história e o dever de memória, cabendo ao autor o trabalho de “recuperar os vestígios da memória de um povo condenado ao esquecimento [...] para que ela possa contribuir para alimentar o imaginário de outro mundo possível” (p. 76).

O quarto capítulo do livro é dedicado a duas obras de Robert Lalonde: *Le dernier été des indiens*, publicado em 1982, e *Sept lacs plus au nord*, de 1993. Conforme assinala Rita Olivieri-Godet, “os romances projetam a formação e o desenvolvimento de uma subjetividade complexa, a do personagem Michel, tecendo ligações entre os processos coletivo e individual de construção identitária” (p. 80). Versam, também, em torno de representações dicotômicas, como natureza-cultura, selvagem-civilizado e assimilação-resistência. Como projeto maior, estabelecem a afirmação dos limites e das possibilidades de uma identidade coletiva, pautada pelo processo de mestiçagem.

Os Capítulos V e VI referem-se à literatura argentina. Destacam tanto a figura da “cautiva”, figura branca e cristã, submetida às barbaridades dos ameríndios, que povoa o imaginário argentino, quanto os paradoxos das fronteiras territoriais, subjetivas e identitárias. Nos romances de Leopoldo Brizuela e César Aira, as ligações da “cau-

tiva” trazem consigo o desejo como mediação (im)possível entre alteridades e imagens legendárias, que “realçam o papel submisso que a sociedade patriarcal impõe à mulher” (p. 107). Em *Una vaca ya pronto serás*, de Néstor Ponce, a análise de Rita Olivieri-Godet destaca a “recusa de pensar o Outro a partir de si mesmo [e da possibilidade] de se transformar no Outro”(p. 117).

*A alteridade ameríndia* se encerra com três capítulos dedicados a romances brasileiros: *O Rastro do Jaguar*, de Murilo de Carvalho (Cap. VII), *Meu querido canibal*, de Antônio Torres (Cap. VIII), e *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum (Cap. IX). Em comum, os romances dirigem uma crítica ao discurso mistificador de uma nação mestiça e pacífica, além de contribuir para a compreensão da diversidade dos povos e culturas indígenas no Brasil. Se *O Rastro do Jaguar* se serve do desaparecimento dos botocudos e da participação dos guaranis na Guerra do Paraguai para encenar a violenta desterritorialização das tribos indígenas no

país, *Meu querido canibal* incorpora e inverte relatos históricos, conjugando-os com mitos, poemas e memórias imaginárias, com o objetivo explícito de heroicizar grupos marginais, subjugados e exterminados ao longo da colonização brasileira. *Os Órfãos do Eldorado*, por fim, é analisado por suas dimensões de sofrimento subjetivo e social: “o que se esconde sob as aparências do paraíso?”, pergunta Rita Olivieri-Godet, a partir de Milton Hatoum; como traduzir a inacessibilidade do Outro? Em que medida é possível representar experiências limites de violência, de assimilação e de esquecimento?

Ao apresentar e analisar cuidadosamente as representações estético-literárias do ameríndio em romances brasileiros, argentinos e quebequenses, Rita Olivieri-Godet brinda seus leitores com uma agradável viagem no tempo e no espaço pelo continente americano. O recorte ou *parti pris* inicial de Rita Olivieri-Godet envolve autores que “elegem o índio como instância de alteridade” (p. 10). Neste momento

em que as temáticas da migração e das mobilidades culturais estão entre as que mais inovam no campo das ciências humanas e sociais, *A alteridade ameríndia* apresenta-se como um diagnóstico das dificuldades de se compreender, inverter, superar ou rejeitar a temática da heterogeneidade e do hibridismo das culturas, que vem dando vida às Américas desde que alguns primei-

ros europeus empreenderam seu processo colonizador além-mar.

## Notas

- <sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário La Salle (Unilasalle), Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutor em Etnologia e Sociologia Comparada pela Universidade de Paris 5 - Sorbonne.